



TRABALHOS DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA
Vol. 35 (4)

ACTAS VIII

1º CONGRESSO de ARQUEOLOGIA PENINSULAR

PORTO
SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA
1995

**1.º CONGRESSO DE
ARQUEOLOGIA PENINSULAR**

(Porto, 12-18 de Outubro de 1993)

A C T A S

(Coordenação de Vítor Oliveira Jorge)

Vol. VIII

anos contestaram por pôr em perigo a vida selvagem no Tejo e agora celebram como barreira à especulação urbanística.

O desafio, o nosso desafio comum, é este: pensemos articuladamente o que tem de ser pensado articuladamente: património, ambiente, ordenamento e desenvolvimento. Assumamos o que deve ser assumido: as pessoas, e não as coisas, é que estão no centro de tudo. Disso é que precisamos: de defender, com toda a energia, e usufruir, com todo o afecto, um património que sirva para a nossa vida.

O CÔA E AS «LETRAS»*

por

Vítor Oliveira Jorge

Há dias, na sua habitual crónica do suplemento «Leituras» do jornal *Público* (11.11.95), Eduardo Prado Coelho, autor que muito admiro, pelo estímulo que sempre para mim constituiu lê-lo (independentemente de estar ou não de acordo com ele), referia-se finalmente à questão de Foz Côa. Mais vale tarde do que nunca! De facto, uma das minhas perplexidades neste caso, que «dura» há um ano na opinião pública, é o facto da «inteligência» nacional não se ter apercebido, cedo, de que não estávamos aqui perante uma questão pontual, de arqueólogos *versus* técnicos de barragens (ou de como se queira colocar simplisticamente o caso), mas diante de um **problema estrutural da sociedade contemporânea** (e não só portuguesa), que tem a ver com a função da chamada «Cultura» e também, logicamente, com a do papel das chamadas «Faculdades de Letras». Se algum «escândalo» senti durante todo este conturbado processo, foi o do silêncio perturbante da maioria dos nossos «intelectuais» e «artistas». Assim, tem sentido abordar brevemente o tema neste *Boletim*, precisamente no momento em que a nossa Faculdade inaugura o seu edifício definitivo e os seus elementos (docentes e discentes) reúnem numerosas vezes em «grupos de reflexão» para tentar equacionar o futuro da Escola e o seu lugar na sociedade.

Desenganem-se desde já os que pensam que vou brandir o estafado argumento dos valores «humanísticos» contra os da «tecnocracia dominante». Tal dicotomia não tem, a meu ver, qualquer sentido. Opor, como sugere E.P.C., uma perspectiva meramente tecnocrática da «modernização», a outra em que as lógicas «sociais» e «culturais» seriam tomadas em conta, pode redundar, afinal, na defesa do «supérfluo» como valor «incalculável». O que as gravuras de Foz Côa repre-

* Publicado como «Editorial» do *Boletim* da Faculdade de Letras do Porto, nº 1, Dezembro de 1995. Trata-se, pois, de um texto necessariamente esquemático e breve na abordagem de complexos problemas que aflora. V., por exemplo, "Les Nouveaux Maîtres du Monde", Paris, Le Monde Diplomatique, Nov. 1995, "Manière de Voir" 28 (caderno temático que trata de como os grandes grupos financeiros e os meios de comunicações de massa tomaram conta do mundo).

sentam seria, em última análise, radicalmente **inútil**, e aí residiria a sua importância. Salvo erro, já há anos E.P.C. veio defender algo de análogo para as Faculdades de Letras: o saber que nelas se produz e veicula seria, numa lógica puramente economicista, meramente supérfluo, mas aí residiria precisamente o seu valor acrescentado. Há coisas «do coração», como a literatura, a arte, a memória, que não se podem medir numa lógica estritamente racionalista de «produtos vendáveis», pois que escapam definitivamente à lógica do lucro que rege o mundo, lógica implacável que chega hoje aos seus mais afastados recantos.

Penso, ao contrário, que não há «mais qualquer coisa» para além do mercado. Simplificando a realidade, creio que o que permeia o mundo contemporâneo — quer gostemos ou não — é o dinheiro, a sua lógica totalizante. Reconheço-o sem ressentimento nem nostalgia. Se me é permitida a expressão, diria que, hoje, a realidade está toda «facturizada», e que a gestão (de coisas, de pessoas, de informação, de sentimentos e valores) formata o nosso universo mental, sendo ilusório agarrarmo-nos a qualquer «resíduo» que idealmente pudesse escapar à globalização e fechamento de tal lógica. A «Cultura» não é uma qualquer ilha de um qualquer Robinson Crusoé. Ou se impõe como um recurso, um recurso fundamental de desenvolvimento, ou está condenada ao gheto das «gentes remotas» ou dos «povos primitivos em extinção». Pois não são esses, também já, um produto turístico, com as suas «tabelas de preços» próprias?

As «ciências sociais e humanas» preparam pessoas incrivelmente mais adaptadas à mudança e à lógica movente do mercado global do que as tecnologias tradicionais, sedimentadas muitas vezes em saberes que rapidamente se tornam obsoletos. A «ciência» ensinada em muitas Faculdades é, com o devido respeito, profundamente estúpida, porque canaliza as mentes para um raciocínio linear baseado em «jogos de racionalidade» extremamente simplificados, mesmo que enroupados num forte aparato matemático, ou numa teia de conceitos e cálculos que se apresentam ao exterior como um edifício imbatível. A maior parte das pessoas assim «formatadas» (para utilizar um «calão» da informática) têm muita dificuldade de passar para outro «programa»; ora, os grandes cientistas sempre foram, precisamente, aqueles que deram o salto para fora dos constrangimentos da sua formação de base. Na ciência ou na arte, só nos surpreendem aqueles que nos abrem novos horizontes mentais — e são esses horizontes, hoje, os que se vendem, porque fomentam novas políticas, novas actuações, novos comportamentos interactivos, numa palavra, novos produtos para o mercado.

A dificuldade de perceber que o rio Côa, com as suas gravuras, é, de facto, «espectacular», que constitui um dos bens mais rentáveis, a prazo, do nosso território, é a mesma daqueles que não entendem que, numa economia global, num universo interdependente, o que importa é uma nova educação para o aproveitamento integrado e partilhado dos recursos, e não a autarcia bacoca dos

que só vislumbram a sua pequena horta e a manutenção dos seus hábitos de pensamento e de acção. A vitória da «questão Côa» não será a de um grupo corporativo contra outro, ou a de valores humanísticos contra valores tecnocráticos. É a vitória, absolutamente histórica, de uma visão relacional, aberta, do mundo, contra a perspectiva provinciana das soluções mais imeditas, mais simples, mais «óbvias», validadas pelo hábito dos «Robinsons Crusoés» que, de tanto se terem de adaptar às suas pequenas ilhas, perderam a esperança (ou se quisermos, a capacidade de imaginação) de verem surgir um veleiro do mar.

Meus amigos: creio que é por esta via que nos podemos orgulhar de ser «das Letras». Somos utilíssimos desde que ousemos ser parceiros da construção do país, coprodutores de uma realidade comum, membros de um diálogo e de uma gestão em que **diferentes culturas** disputam o jogo de poder decidir sobre o que é melhor para todos nós.